

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNESP – Campus de Botucatu

Thaís Ribeiro Carboni

“TRILHA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, PASSADO QUE VIRA PRESENTE”:
Publicação de apoio pedagógico que busca estabelecer um elo entre a história e o meio
ambiente.

Botucatu
2008

Thaís Ribeiro Carboni

“TRILHA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, PASSADO QUE VIRA PRESENTE”:

Publicação de apoio pedagógico que busca estabelecer um elo entre a história e o meio ambiente.

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Botucatu, para
a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.*

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Eliana Maria Nicolini Gabriel
Co-Orientador: Prof. Dr. Renato Eugênio da Silva Diniz

Botucatu

2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉCNICA DE AQUISIÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - CAMPUS DE BOTUCATU - UNESP
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: Selma Maria de Jesus

Carboni, Thaís Ribeiro.

Trilha do patrimônio histórico, passado que vira presente: publicação de apoio pedagógico que busca estabelecer um elo entre a história e o meio ambiente / Thaís Ribeiro Carboni. – Botucatu : [s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão (licenciatura – Ciências Biológicas) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Botucatu, 2008

Orientadora: Eliana Maria Nicolini Gabriel

Co-orientador: Renato Eugênio da Silva Diniz

1. Ciências biológicas - Ensino fundamental 2. Educação ambiental

Palavras-chave: Educação ambiental; Patrimônio histórico; Trilha interpretativa

Gostaria de dedicar este trabalho a toda a população que, diretamente, por meio do pagamento de seus impostos, financiaram os cinco anos mais felizes da minha vida, até então...

Juntas, todas essas pessoas me proporcionaram concluir o Ensino Superior em Ciências Biológicas, meu sonho desde adolescente, nesta, que é uma universidade estadual de acesso gratuito e de excelência em qualidade.

Além disso, por meio do município de Botucatu, passei a trabalhar na Escola do Meio Ambiente, projeto que rompe, sem dúvida alguma, com as barreiras que separam os mais humildes do conhecimento universitário, trabalhando com inúmeros projetos de pesquisa e extensão. Dentro de sua estrutura, aprendi a amar, sem exceção, a todas as formas e dinâmicas de vida encontradas na natureza, e acima de tudo, adquirir excessivo respeito ao dinheiro público dos botucatuenses.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Alberto e Cida, por terem me dado asas fortes para alcançar vôos tão altos, que hoje me levam para tão longe... Mesmo de forma simples, puderam me proporcionar condições ímpares de vida, para que eu pudesse ter tudo o que eles, por inúmeros motivos, não tiveram. Passaram por dificuldades, mas sempre andaram de mãos dadas, prezando pela minha formação. São a minha base sólida e os braços para onde sempre poderei correr...

Ao meu irmão, Bruno, que mesmo distante, sempre manteve seu coração junto ao meu. É o meu orgulho, pois andou sempre ao meu lado, na busca incansável pela realização dos nossos sonhos.

A minha avó, Nilva, por me esperar sempre tão ansiosa e por me guardar em todas as suas orações...

Aos meus tios, Rosa e Wilson, por todo o carinho que sempre me ofereceram, me recebendo com todo amor, nas minhas sempre rápidas visitas...

Aos meus primos, Rafael e Alexandre por ser o meu exemplo mais claro de trabalho, esforço e conquista.

Aos meus pais do coração, Eliana e Adinan, que participaram de todo o meu processo de crescimento, sempre me considerando a filha que ainda não tiveram.

A minha grande amiga Giovana, que há mais de quinze anos divide a experiência de amadurecer junto comigo. Passamos por todas as fases, e cada uma delas foi incrível. Mesmo nos falando pouco, sempre parece que foi ontem.

Ao Luis *Bolívia*, que me conhece como poucos, e que me mostrou que a vida é sempre mais bonita quando se têm uma pessoa em quem se pode confiar.

A toda a XL turma da Biologia, que me ensinou das mais diversas formas o sentido das palavras amizade, respeito e alegria!

Aos queridos veteranos que nos ensinaram a dor e a delícia de ser bixo, e aos nossos eternos bixos, que nos ensinaram a ser veteranos...

As minhas grandes amigas Thaila *Bussa* e a Marcela *Quebrinha*, que dividiram comigo uma casa e momentos mágicos... São as irmãs que eu adotei para toda a vida...

Aos meus grandes amigos Ana Claudia *Pônei*, Henrique *Num*, Maria Clara *Xaranga*, Michele *π-tanga*, Laura *Bacuri* e Luciana *Jucão*, que foram as pessoas mais próximas a mim nesse último ano, pelos momentos de felicidade que vocês me proporcionaram e proporcionam... Vocês moram dentro do meu coração...

Queria também deixar aqui a minha eterna gratidão a todas as pessoas que fazem, ou fizeram parte da Escola do Meio Ambiente (EMA), e principalmente a professora Eliana Maria Nicolini Gabriel, minha orientadora, amiga e confidente, e a sua linda família, composta pelo seu marido José Luis, e seus filhos, João Paulo e a pequena Anna Clara.

A todos os estagiários, novos e antigos, que dividiram comigo as responsabilidades e conquistas adquiridas nesses quase quatro anos...

A todos os funcionários da Secretaria Municipal de Educação de Botucatu, por meio do Secretário Municipal de Educação, o professor Gilberto Luiz Borges de Azevedo, que pessoalmente confiou no meu trabalho e capacidade, tanto como aluna, quanto como estagiária.

Ao professor Renato Eugênio da Silva Diniz, que sempre se mostrou disposto a me orientar e, de forma muito solícita, tirar todas as dúvidas que por muitas vezes me permeavam.

As professoras Ana Paula Winckler, Rosemara Celeste S. Ribeiro Cassimiro, Elizabete Cristina Teófilo Brandão e Cecília Peniche dos Santos, que me surpreenderam e surpreendem

com o seu lindo trabalho. Elas são um exemplo a ser seguido por todos os profissionais que agem de forma responsável, frente a tantos outros que se acomodam frente aos infinitos problemas que a educação brasileira enfrenta nos dias de hoje.

A FEPAF – Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais, parceira da Escola do Meio Ambiente, pelo importante apoio cultural.

Aos colaboradores João Carlos Figueroa, Cláudia Basseto, Maria Amélia Pizza e João Pizza, pelas precisas informações prestadas para a elaboração deste material.

As estagiárias, Ana Paula Florian, Maria Clara da Silva Esteves e Sibele Gimenez Martins, também co-orientadas na execução da cartilha.

Ao também estagiário, Douglas Rodrigues, pela parceria na arte final da cartilha.

Ao compositor botucatuense, Angelino de Oliveira, que escreveu em palavras, o que hoje, eu sinto dentro do meu coração.

A Cláudia Regina, fotógrafa amadora, pela visão do paraíso que eu consigo ter, ao observar a sua fotografia.

A artista Monica Stein Aguiar, por expressar em aquarelas as mais delicadas sutilezas, que muitas vezes, passam despercebidas pelos olhos dos observadores.

Com todo o meu amor,

Thaís Ribeiro Carboni *Bigú*

29/11/2008

“Ando devagar porque já tive pressa.
Levo esse sorriso porque já chorei demais...
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe,
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei,
Nada sei...”

Tocando em Frente
(Almir Sater e Renato Teixeira)

Por meio da Secretaria Municipal de Educação, a prefeitura do município de Botucatu implantou, em 2005, um de seus mais importantes projetos de educação complementar, a Escola do Meio Ambiente (EMA). Desde a sua fundação, a EMA tem por objetivo desenvolver e apoiar práticas pedagógicas e pesquisas, que visam à conscientização e responsabilidade socioambiental. Dentre suas diversas atividades, está a Trilha Interpretativa do Patrimônio Histórico, voltada, principalmente, para o 1º e o 9º ano do Ensino Fundamental. O caminho interpretado resgata a cidadania, proporcionando ao aluno recuperar as memórias históricas da cidade, reafirmar a sua identidade e conseqüentemente, buscar a sua valorização pessoal e social. A história do município começa a sair de um misterioso e velho baú. O momento possibilita abrir espaço para a arte da narrativa. Um cocar fala da cultura indígena, um chapéu de palha, nos leva à época dos tropeiros e um mapa de feltro exemplifica o processo de imigração. Ao término da vivência, os educandos saem à rua, para conhecer, em detalhes, os prédios que ajudaram a construir a nossa história. Através dos métodos de avaliação, utilizados nesses três anos, anotações sobre as observações feitas em trilhas e questionários respondidos pelos professores, pudemos constatar que os alunos sabem muito pouco sobre a cidade e que possuem dificuldade de relacionar fatos históricos com a sua própria existência e com as mudanças que promovem no meio. Observou-se que além de tratar com descaso os prédios históricos, os alunos não conseguem citar dados sobre a fauna e a flora local. O mais preocupante é o fato de que para eles, a cidade não representa o meio ambiente. Logo, ficou clara a necessidade de se produzir um material de apoio que tivesse por objetivo preencher estas lacunas. A publicação intitulada “Trilha do Patrimônio Histórico: Passado que vira Presente”, foi direcionada para professores e alunos. Nela o leitor poderá encontrar informações de grande relevância, que tiveram como bibliografia uma coletânea de textos e obras de autores renomados. Com ela, o professor poderá explorar caminhos que dêem subsídios para que o aluno possa interagir como o meio onde vive. A avaliação deste material será feita pelos próprios professores, que irão receber a publicação, por meio de questionários entregues no momento das trilhas e reuniões na própria escola, a partir do início do primeiro semestre de 2009.

Palavras-chave: educação ambiental, trilha interpretativa, patrimônio histórico.

LISTA DE IMAGENS

1. Introdução.....	13
1.1. Trilhas Interpretativas	15
1.1.2. A Trilha do Patrimônio Histórico	16
2. Objetivo	21
3. Material e Método	22
3.1. A organização prévia para o início da trilha	23
3.2. A trilha se inicia e o antigo baú se abre	23
3.3. Os pontos interpretativos	25
3.3.1. Seminário São José (1º ponto)	25
3.3.2. Capela da Santíssima Trindade (2º ponto)	25
3.3.3. Colégio La Salle (3º ponto)	26
3.3.4. Colégio Santa Marcelina (4º ponto)	26
3.3.5. Escola Estadual Cardoso de Almeida, a EECA (5º ponto)	26
3.3.6. Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida, o Cardosinho (6º ponto)	27
3.3.7. Prefeitura Municipal de Botucatu (7º ponto)	28
3.3.8. Catedral Metropolitana de Sant’Anna (8º ponto)	29
3.3.9. Praça Rubião Júnior (9º Ponto)	
3.4. Outros pontos	29
3.4.1. Fórum – Cadeia de Botucatu	30
3.4.2. Santa Casa de Misericórdia	30
3.4.3. Casa das Meninas Amando de Barros	30
3.4.4. Caridade Portuguesa Maria Pia	31
4. Resultados	33
4.1. Apresentação dos resultados	33
5. Discussão	35
5.1. Exemplos de trabalhos apresentados e bem sucedidos	35

5.1.1. Botucatu, Além da História, Sentir ...	35
5.1.2. Patrimônio Nosso	39
6. Conclusão	44
7. Referências Bibliográficas	45
8. Anexos	47
9. Apêndices	49

Lista de Imagens e Fotografias

- Fig. 1** - Quadro em aquarela que retrata a Praça Rubião Júnior (por *Mônica Stein Aguiar*, artista botucatuense, presente em “*Trilhando os Caminhos da Educação Ambiental*”) 19
- Fig. 2** - Quadro em aquarela que retrata a Catedral Metropolitana de Sant’Anna, referência do Centro Histórico Novo (por *Mônica Stein Aguiar*, artista botucatuense, presente em “*Trilhando os Caminhos da Educação Ambiental*”) 19
- Fig. 3** – Fotografia tirada em Rio Bonito, bairro de Botucatu/SP, ao final de tarde. (por *Cláudia Regina*, moradora do bairro, e vencedora do I Concurso de Fotografia - 2008 - “*O lugar de Botucatu que eu quero ver preservado*”) 20
- Fig. 4** – Alunos do 1º ano da E.M.E.F “Professora Nair Amaral”, expondo a linha do tempo, por eles confeccionada 36
- Fig. 5** – Aluno lendo “O Peabiru Encantado”, da escritora Adriana Vigliuzzi, recomendada pela professora 36
- Fig. 6 – Segundo dia da feira expositiva. Dia dos Tropeiros 37
- Fig. 7** - Terceiro dia de feira expositiva. Visitantes observam a sala repleta de imagens que retratam o processo de imigração. 38
- Fig. 8** – As três turmas reunidas em volta de um florido ipê-amarelo, em frente ao SENAI, Botucatu/SP 39
- Fig. 9** – Foto da visita dos alunos do 1º ano A, da E.M.E.F “Antenor Serra”, na Trilha do Patrimônio Histórico 40
- Fig. 10** – Professora Rosemara com seus alunos, participando do momento em que a história é contada através do baú. 41
- Fig. 11** – Alunos observando as obras sacras dentro da Catedral Metropolitana de Sant’Anna. 41

A tecnologia em si não é nem boa nem má, é a maneira como ela é utilizada que determina seu valor. (ALVES, 1968, p.16). Por meio dessa afirmação, fica claro entender que o acelerado processo tecnológico que se faz presente nos dias de hoje possui duas vertentes. Encontramos um lado muito positivo quando nos deparamos com as facilidades que ela pode nos proporcionar no dia a dia, embora, por outro, podemos identificar que essa situação, onde o novo é reverenciado e o antigo não tem mais serventia, gera nas pessoas um sentimento de desapego em relação às coisas simples da vida, e uma supervalorização do universo material. Isso contribui para que estas deixem de lado, mesmo sem perceber, as relações humanas, de um modo geral. Nunca foi tão fácil se comunicar por meio de celulares, e-mails, sites de relacionamentos, entre outros, mas ao mesmo tempo, nunca se esteve tão distante do outro.

Ao identificar que as relações pessoais estão cada vez mais comprometidas, podemos também dizer que, a visão que um indivíduo tem de si mesmo, o modo como ele interage com os outros membros da sociedade onde vive e a maneira como compreende a sua história, são fatores determinantes para explicar a situação do seu meio, e consequentemente isso se reflete nas condições da natureza que o cerca.

Para tentar reverter este processo que se acentua, onde o bem coletivo está sempre em detrimento da preocupação exacerbada das conquistas individuais, é que se faz necessário uma educação que promova a sua finalidade social, pelo desenvolvimento de homens com posturas críticas, responsáveis e participativas. Segundo o artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases (1996), o ensino deve ser ministrado respeitando a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, pensamento, arte e o saber. E entre seus princípios básicos, está também a garantia de um padrão de qualidade e a valorização da experiência extra-escolar.

Neste sentido, destaca-se a Educação Ambiental, por apresentar um pensamento crítico, inovador e político, com a intenção de provocar a transformação e reconstrução da sociedade, por reivindicar e preparar cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza (REIGOTA, 1994).

Foi buscando alternativas que contribuam para a qualidade da educação de base, visto seu panorama crítico no Brasil, é que por meio da Secretaria Municipal de Educação, a prefeitura do município de Botucatu implantou, em 2005, um de seus mais importantes projetos de educação complementar, o Núcleo de Apoio a Educação Ambiental, ou simplesmente, Escola do Meio Ambiente (EMA), como é popularmente conhecida. Desde a sua fundação, a EMA tem por objetivo desenvolver e apoiar práticas pedagógicas e pesquisas, que visam à conscientização e responsabilidade socioambiental, para que o desenvolvimento humano e a compreensão sobre todas as formas e dinâmicas de vida sejam sempre respeitados.

Desde 1984, toda a sua área, de aproximadamente doze hectares, localizada no Jardim Aeroporto, zona sul da cidade, passou a pertencer ao município de Botucatu, e em sua extensa área verde encontramos diferentes tipos de vegetações, como o Cerrado, a Mata de Brejo, a Mata Mesófila Semidecídua e uma pequena área implantada de eucaliptos. Além disso, possui relevantes fatores ambientais, como a nascente do Ribeirão Lavapés, rio histórico e de grande importância para o município.

Atualmente conta com um prédio sede, que abriga e dá suporte a toda sua estrutura administrativa. A construção conta com um auditório com capacidade para receber 80 pessoas, um museu de história natural, uma sala de coordenação, uma sala para estagiários, uma Sala Verde, dois banheiros, uma cozinha e uma grande varanda que abriga as mesas que servem tanto as oficinas socioambientais, quanto ao lanche dos alunos.

A EMA está sedimentada em um tripé composto por trilhas temáticas interpretativas, vivências socioambientais e pesquisas, desenvolvidas por seus educadores ambientais, estudantes oriundos das instituições públicas e privadas da região, dentre elas: UNESP/Botucatu, UNESP/Bauru, FIRA/Avaré, USC/Bauru, UNIFAC/Botucatu, e FATEC/Botucatu. (Trilhando os Caminhos da Educação Ambiental, 2008)

Cursos para a qualificação de educadores ambientais são feitos periodicamente, bem como reuniões semanais para orientações, aprimoramento de atividades e avaliação do desenvolvimento do trabalho, para que ele possa ser permanentemente melhorado.

Atualmente, atende a escolas da rede pública e particular de Botucatu e região. A escola recebe ainda alunos portadores de necessidades especiais do NAPE (Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado), grupos da melhor idade e parceiros, sendo no total mais de 15.000 pessoas atendidas no decorrer do ano.

1. As Trilhas Interpretativas

O trabalho realizado pela Educação Ambiental em Trilhas Interpretativas possibilita a compreensão e a apreciação dos recursos protegidos, além de um maior contato e satisfação dos visitantes com o ambiente (VASCONCELLOS, 1997). Logo, podemos perceber que o estudo do patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, por parte dos alunos.

Na EMA, elas foram idealizadas com a finalidade de educar e sensibilizar os visitantes para a preservação dos recursos naturais, históricos, culturais ou artísticos.

Embora sejam temáticas e interpretativas, as trilhas nunca são as mesmas. O grande número de espécies, lá encontradas, possui hábitos próprios e sua reprodução acontece em épocas diferentes. Os animais que encontramos durante o dia podem não estar no mesmo local durante a noite, bem como as suas árvores nunca florescem no mesmo período. Segundo LORENZI (1992), a paineira-rosa (*Chorisia speciosa* St. Hil.) floresce a partir de meados de dezembro, prolongando-se até abril, e a maturação de seus frutos ocorre, durante os meses de agosto-setembro com a árvore totalmente despida de folhagem. O jequitibá (*Cariniana estrellensis* (Raddi) Kuntze) floresce durante os meses de outubro-dezembro, junto com o surgimento da nova folhagem. Os frutos amadurecem em julho-setembro. Já a copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf.) floresce durante os meses de dezembro-março, e seus frutos amadurecem apenas em agosto-setembro com a árvore, também, totalmente despida de folhagens. Com essas informações, já se pode pressupor que cada uma delas possui dispersores de sementes e polinizadores próprios, e diferentes entre si, o que demonstra claramente que os olhos do observador passam a enxergar peculiaridades que estão em constante transformação. E isso não é apenas uma característica da floresta. Ao trilharmos caminhos pela cidade, os rostos encontrados, à medida que as horas passam, serão distintos. E

assim serão com os carros, as casas, os prédios e as praças. Uma grande reforma, uma festa popular, uma feira livre ou mesmo um acidente de trânsito alteram por completo a paisagem. Logo, podemos passar por uma trilha diversas vezes ao dia, e por diversas vezes ela já não será mais a mesma, o que representa um desafio extra para o educador ambiental, que irá precisar estar muito mais preparado para executá-la.

Todas as trilhas da escola adotam esses desafios, abordando temas atuais de grande relevância para a compreensão do mundo em que vivemos como a importância da água, a problemática do lixo, a compreensão da agroecologia, o estudo da fauna e flora da região, a complexidade da nossa biodiversidade e a incrível descoberta da cidade como uma unidade de cultura, que representa, sim, o nosso meio ambiente.

Repletas de todos esses conteúdos, elas podem atender a todos os públicos, embora, para efeito pedagógico de continuidade das atividades propostas em sala de aula e do reforço de conteúdos aprendidos, cada série participa de uma trilha feita especialmente para a sua idade. Tudo foi exaustivamente pensado para melhor se adaptar a realidade da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Atualmente ela conta com dez diferentes trilhas: Encantada, do Espantalho, Indígena, do Saci, do Patrimônio Histórico, da Água, do Sujão, Agroecológica, da Biodiversidade e a do Patrimônio Natural. (Trilhando os Caminhos da Educação Ambiental, 2008)

1.1. A Trilha do Patrimônio Histórico: um elo entre a história e a preservação ambiental

A Trilha do Patrimônio Histórico foi idealizada com o objetivo de resgatar a cidadania. Uma viagem pelo passado leva os alunos a refletir sobre o processo de formação da nossa cidade, bem como, sobre as muitas transformações ocorridas no meio ambiente. É voltada para o 1º e o 9º ano do Ensino Fundamental.

Aquele que conhece a sua história se sente único e capaz de construir uma base sólida para compreender a sua própria existência, tornando-se um cidadão responsável diante das

problemáticas de seu tempo e preocupado com o meio ambiente em que vive. Mas o que é o meio ambiente, então? Segundo BOLLMANN (1999):

“Para que se alcance uma maior reflexão no que tange às questões ambientais nas cidades, se faz necessária uma compreensão da definição de meio ambiente, sob a óptica sistêmica, que o vê como um conjunto de elementos que interagem entre si. Entre eles destacam-se os sistemas naturais ou bióticos e os sistemas não naturais ou abióticos. Ambos são influenciados pelos subsistemas econômicos, sociais, culturais e psicológicos. Desse modo, quando se fala em meio ambiente, está se falando muito mais do que recursos naturais, e sim de todo um cenário interdependente, onde um dos elementos é o ambiente natural.”

Portanto, quando falamos em meio ambiente, falamos muito mais do que recursos naturais, e sim de uma análise da inter-relação de todos os componentes necessários para que seja alcançada uma boa qualidade de vida. Nesse sentido se faz necessário destacar que uma das variáveis fundamentais à vida, que são as interações culturais que caracterizam e determinam a maneira de agir de uma determinada comunidade.

Embora constatemos que a cidade faz parte do nosso meio ambiente, as pessoas ainda têm dificuldade de entender que isso seja verdade. Talvez pelo desconhecimento do termo, dificilmente encontramos um aluno, que ao ser questionado sobre o meio ambiente, fale sobre a sua cidade, que é o local onde ele vive e realiza a maior parte de suas atividades diárias. Apenas se lembra das árvores, animais e fenômenos da natureza.

“É evidente que nove décimos da nossa existência transcorrem na cidade, a cidade é a fonte de nove décimos das imagens sedimentadas em diversos níveis da nossa memória. Essas imagens podem ser visuais ou auditivas e, como todas as imagens, podem ser mnemônicas (*relacionadas à memória*), perceptivas, eidéticas (*imagens claras e precisas de um objeto*

mostrado ou mesmo de quadros inteiros que se mantém durante muito tempo após a retirada dos objetos apresentados). Cada um de nós, em seus itinerários urbanos diários, deixa trabalhar a memória e a imaginação: anota as mínimas mudanças, a nova pintura de uma fachada, o novo letreiro de uma loja; curioso com as mudanças em andamento olhará pelas frestas de um tapume para ver o que estão fazendo do outro lado; imagina e, portanto, de certa forma projeta, que aquele velho casebre será substituído por um edifício decente, que aquela rua demasiado estreita será alargada, que o trânsito será mais disciplinado ou até mesmo proibido naquele determinado ponto da cidade; lembra-se de como era aquela rua quando menino, a percorria para ir à escola ou quando, mais tarde, por ela passeava com a namorada; ou o famoso incêndio, o crime que falaram todos os jornais, etc.” (ARGAN, 1993:232)

Para aqueles que já possuem uma visão mais holística sobre a vida, a cidade é a sua imagem representada. Sua história de vida, experiências vividas e lembranças, ali se encontram. São por esses motivos, que muitos artistas, das mais diversas formas, contemplam a sua cidade, como podemos ver a seguir:

Nunca esquecerei de ti, oh minha terra,
Berço onde o amor nasceu.
És princesa lá da serra,
Terra dos carinhos meus.
Não mais poderei, viver longe de ti,
Tu és a minha adoração.

Oh, Botucatu, cidade dos meus sonhos,
Terra do meu coração!

Canção Oficial de Botucatu

(por Angelino de Oliveira, compositor botucatuense)

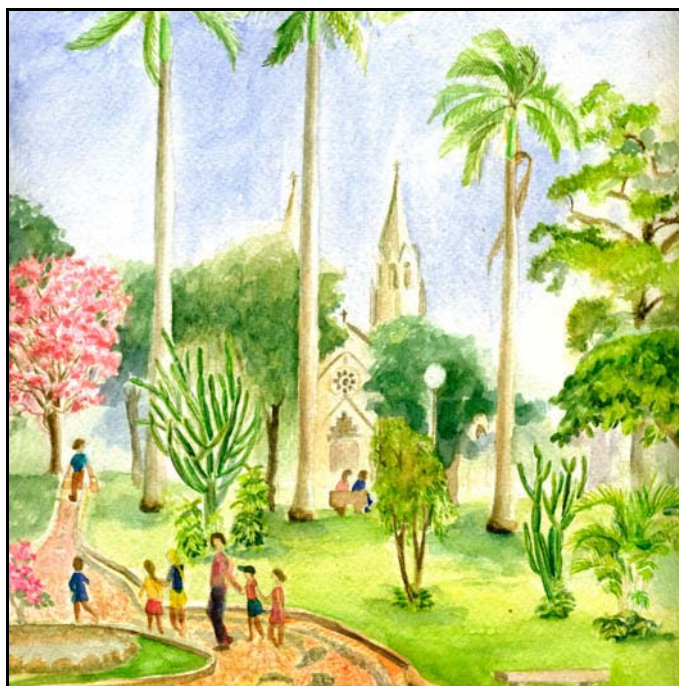


Fig. 1 - Quadro em aquarela que retrata a Praça Rubião Júnior (por Mônica Stein Aguiar, artista botucatuense, presente em “Trilhando os Caminhos da Educação Ambiental”)

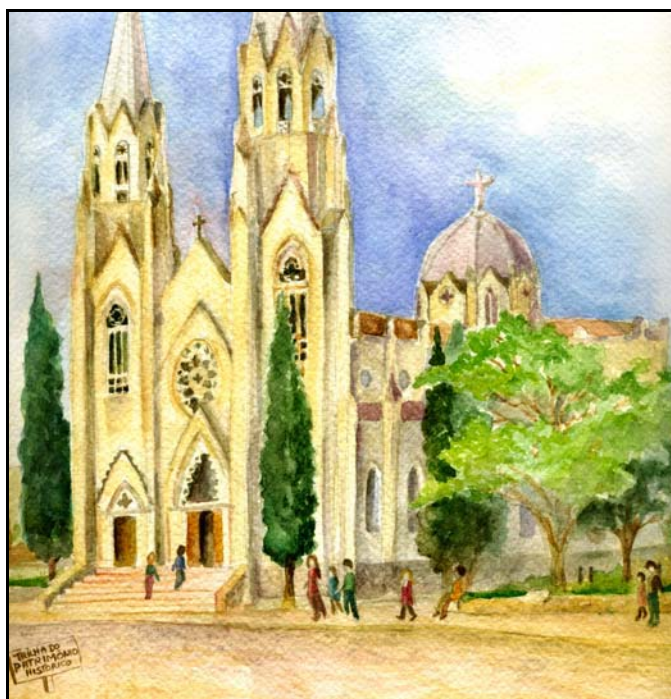


Fig. 2 - Quadro em aquarela que retrata a Catedral Metropolitana de Sant'Anna, referência do Centro Histórico Novo (por Mônica Stein Aguiar, artista botucatuense, presente em “Trilhando os Caminhos da Educação Ambiental”)



Fig. 3 – Fotografia tirada em Rio Bonito, bairro de Botucatu/SP, ao final de tarde. (por Cláudia Regina, moradora do bairro, e vencedora do I Concurso de Fotografia - 2008 - “O lugar de Botucatu que eu quero ver preservado”)

As habilidades culturais, profissionais e estéticas criam leitores privilegiados da paisagem, com um olhar refinado e sensível. Como é o caso desses fotógrafos, escritores e pintores, que resgatam as sensibilidades do real vivido, estabelecendo com a cidade uma relação privilegiada de percepção, mas isso, de forma alguma, defende que as crianças e adolescentes não sejam dotados de sensibilidade ou que sejam incapazes de elaborar as mesmas representações. Naturalmente, a forma de uma cidade conta uma história não verbal, mas a reeducação do olhar dará a eles oportunidade de entender que a destruição da memória, a uniformização das construções e a generalização do caráter de impessoalidade ao contexto urbano, só nos traz problemas de ordem social e pessoal.

Mesmo com músicas, pinturas e fotografias que são verdadeiras declarações de amor como estas, não é comum ver uma cidade que explore o ensino de sua história aos alunos de sua rede de ensino. Sobre a história de Botucatu, encontramos poucos, porém, muito bons livros sobre o assunto.

Mais um motivo para que se busquem essas fontes esquecidas é poder conseguir ter uma chance de formar indivíduos mais ativos e colaboradores em relação à cidade, que é um organismo dinâmico de múltiplos contrastes e inúmeras dificuldades. Como diz Calvino (1990), uma cidade comporta muitas, e, ao analisar uma metrópole, mediante o que ela se tornou, é possível recordar aquilo que ela foi um dia.

Descartar o estudo patrimonial é descartar a compreensão da história de cada um e deixar de lado a importância atribuída aos sujeitos da história, construtores de seus destinos, bem como limitá-los na sua procura por explicações a cerca dos significados de suas vidas cotidianas.

O presente trabalho teve como objetivo produzir uma cartilha para professores e alunos, intitulada “Trilha do Patrimônio Histórico, Passado que Vira Presente”, baseando-se em estudos que nos levaram a concluir que a instituição escolar, formada pela sua administração, professores e alunos, sente grande dificuldade de compreender a interação existente entre a cidade e o ambiente natural.

Nela o leitor poderá encontrar informações de grande relevância, que tiveram como bibliografia uma coletânea de textos específicos e obras de autores renomados. Com ela, o educador poderá explorar caminhos que dêem subsídios para o aluno interagir como o meio onde vive, e com isso adquirir consciência de suas emoções, olhares e a da sua perspectiva peculiar. Isso é que vai diferenciar a aquisição do conhecimento, independente da origem sociocultural a que ele tem influência.

A metodologia utilizada para a realização da produção do material didático em questão foi baseada na própria Trilha do Patrimônio Histórico da Escola do Meio Ambiente (EMA).

Esta é guiada sempre por dois, ou mais, educadores ambientais que acompanham os grupos de visitantes. Em trilha, eles são levados a observar, sentir, experimentar, refletir, questionar e descobrir os fatos relacionados ao tema em questão.

Cada vez que se recebe um grupo, planta-se uma amizade entre a história e o meio ambiente, e para resgatá-la não se utiliza uma máquina do tempo, mas sim um pequeno baú. É do interior dele que saem os objetos que ajudam a contar a história de Botucatu.

Durante séculos a memória dos povos foi perpetuada pela ação de contar e ouvir histórias. Como heranças remotas da civilização, o conhecimento acumulado pelas gerações foi sendo transmitido através da linguagem, constituindo-se num verdadeiro legado da cultura popular, surgindo, assim, mitos, lendas e contos diversos. E isso é possível em todas as fases de desenvolvimento do ser humano, como nos leva a pensar Nelly Novaes COELHO (1991):

“... o poder de resistência da palavra prova de maneira irrefutável que a comunicação entre os homens é essencial à sua própria natureza. O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros, certa experiência sua, que poderia ter significação para todos.”

Segundo FONSECA (2003), diante de um mundo eminentemente simbólico, onde a linguagem metafórica se traduz como um interlocutor entre a vida interior e exterior do sujeito, as histórias adquirem um papel extremamente importante, devendo ser vivenciadas como um elemento a mais no processo ensino-aprendizagem, dentro e fora da escola. E seguindo um mesmo raciocínio, já dizia Vigotski (1932), que a imaginação é um momento

totalmente necessário, inseparável, do pensamento realista. Logo, o contato com as histórias é fundamental para uma formação intelectual fundamentada. HARDY (1968), conclui:

“... sonhamos através de narrativas, devaneamos através de narrativas, lembramos, desejamos, esperamos, desesperamo-nos, acreditamos, duvidamos, planejamos, revisamos, criticamos, construímos, passamos boatos adiante, aprendemos, odiamos e vivemos através de narrativas.”

3.1. A organização prévia para o início da trilha

Após a chegada dos visitantes, eles são organizados em um círculo, para que todos possam observar tudo. Os educadores se apresentam, contam um pouco sobre a sua vida, e perguntam a cada um o seu nome, para que possam se familiarizar com eles.

Cada aluno é informado sobre tudo o que irão realizar durante as duas horas de aula de campo. São informados que irão fazer três atividades. Primeiro irão receber um crachá para que possam, ao ouvir a história, tornarem se parte integrante da mesma. Em segundo lugar, todos, em fila, irão sair para a trilha, que por ser urbana, carrega a necessidade de cuidados e precauções por nossa parte, como atravessar a rua, por exemplo. E finalmente, iremos ao banheiro, lavaremos as mãos e faremos um piquenique na praça.

3.2. A trilha se inicia e o antigo baú se abre...

Nossa primeira atividade visa contar a história do município de Botucatu, por meio de um baú. Nossa intenção é explicar que essa história não está tão distante deles, como acreditam.

O misterioso baú se abre, e de dentro dele, um pequeno pedaço de juta atrelado a algumas penas que encontramos caídas no chão, em meio à mata, transforma-se em um lindo cocar colorido, que irá enfeitar a cabeça de um novo cacique, que será nomeado dentre os

participantes. É ele quem vai contar sobre os índios caíuas que aqui viviam. São abordados os seus costumes, seu tipo de moradia e sua alimentação.

Agora é a vez do simples chapéu de palha. No contexto, ele representa a formação da nossa cidade, que se iniciou onde hoje é a Praça Coronel Moura (Paratodos). Foi por meio de seus primeiros moradores, vindos de Minas Gerais, que a cidade passou a ter a sua atual padroeira, Sant'Anna. O chapéu simboliza também os tropeiros de nossa região que construíam aqui suas casas com a técnica de taipa-de-mão. Eram eles que faziam o comércio, a cavalos e mulas para locais distantes, de gêneros alimentícios, além de outros tipos de assistência a aqueles que necessitavam.

Chegam os imigrantes, e com eles o desenvolvimento. Um mapa de feltro, um barco de papel jornal, bandeirinhas de papel e duas bonecas explicam o processo de imigração ocorrido na cidade. Foram eles que trouxeram as olarias que deram origem aos prédios que podemos encontrar hoje. Vieram americanos, africanos, portugueses, espanhóis, italianos, japoneses, russos, alemães, árabes, franceses, suíços, armênios, entre tantos outros, cada qual com seu devido valor impresso na cultura botucatuense.

Um trenzinho de brinquedo ensina sobre a ferrovia e uma lâmpada queimada, sobre a época em que se iniciou a colocação dos postes de iluminação pública.

Ainda no baú, encontramos dois modelos de diferentes relevos, moldados em argila. Um deles representa um morro e o outro a nossa conhecida cuesta, formação geológica característica da nossa região. Um pedaço de arenito Botucatu pode ser tocado por eles, e a questão do Aquífero Guarani é abordada.

Além de presente em argila, podemos observar o desenho da cuesta na bandeira, que agora também aparece. Mesmo feita por mãos humanas, por meio de suas cores e formas, ela nos ajuda a explicar os fatos que nos antecederam. O azul escuro representa tudo aquilo que a cuesta já nos proporciona por natureza: o sopro da brisa, os ventos... Logo, o nome que o índio deu para essa terra, *ybitukatu*, se justifica: cidade dos bons ares. O amarelo, por sua vez, representa todas as riquezas da cidade, e quando falamos em riquezas, não falamos de dinheiro. Referimos-nos ao amor, a amizade e do respeito entre as pessoas. Um gorro

vermelho sai do baú para que possamos abordar a lenda brasileira do Saci Pererê, muito difundida em Botucatu. Cantamos todos juntos sua Canção Oficial, para nos lembrar do compositor Angelino de Oliveira. Abordamos também a fauna e a flora da região.

3.3. Os pontos interpretativos

Neste momento, destacamos aos alunos os pontos da trilha, e deixamos claro que o importante não é guardar datas e nomes, mas sim treinar o olhar visando enxergar além do que se vê. Cada ponto é abordado sob várias perspectivas. Segue abaixo a descrição, bastante resumida, dos principais assuntos tratados:

3.3.1. Seminário São José (1º ponto)

Neste ponto abordamos principalmente a questão de que o prédio foi erguido com base na planta de um palácio romano, em 1917, para servir como Palácio Episcopal, sendo que depois de um tempo, deu lugar ao Seminário São José. Embora tenha sofrido reformas, o prédio ainda guarda belíssimos jardins, onde habitam, entre outros, dois pés de café amarelo, café típico, que chamou a imigração europeia para o trabalho nas lavouras cidade.

Atualmente, abriga as dependências da Secretaria Municipal de Educação de Botucatu, de onde partem as verbas e decisões para o planejamento administrativo e pedagógico das escolas municipais da cidade.

3.3.2. Capela da Santíssima Trindade (2º ponto)

Desde 1952, aos fundos do antigo Seminário São José, podemos observá-la, e mesmo pelo lado de fora, podemos perceber que são inúmeras as influências religiosas e artísticas que nela existem. Em seu interior o crucifixo central divide espaço com duas imagens italianas, esculpidas em madeira, São José e Nossa Senhora de Fátima. Nas janelas, vitrais simples, porém muito coloridos. O estilo é bizantino, típico das basílicas do norte da Itália.

O destaque fica para a pintura em afresco de Henrique Oswald. O painel representa as três figuras da Santíssima Trindade - Pai, Filho e Espírito Santo - cercados de anjos e santos. A figura de Maria também ocupa posição de destaque. Destinada às orações dos seminaristas, a Capela teve sua função estendida ao público a partir de 1970, principalmente para cerimônias mais intimistas e para a apresentação de corais, devido a sua acústica perfeita.

3.3.3. Colégio La Salle (3º ponto)

O colégio oferecia diversos cursos como o comercial, ginásio e até mesmo o odontológico. Mais tarde, a Diretoria de Ensino Secundário autorizou também o funcionamento do curso colegial. Em 1960, a propriedade do colégio, que antes abrigava o primeiro seminário de Botucatu, foi transferida para a Associação Brasileira de Educadores Lassalistas. Sua capela confronta com os portões de entrada da escola, e em seu subsolo podemos encontrar o refeitório e o alojamento para os seminaristas que ali estudavam. Hoje, uma de suas grandiosas obras é manter um auditório com mil lugares, utilizado em cursos, palestras e eventos da cidade.

3.3.4. Colégio Santa Marcelina (4º ponto)

As irmãs italianas, vindas de Milão em 1912, deram início à fundação deste colégio com internato, e outros cursos, acolhendo moças. Primeiramente foi chamado “Colégio dos Anjos”, e após alguns anos, de “Instituto Santa Marcelina”. Começou a funcionar um ano depois, sob as orientações de Dom Lúcio Antunes de Souza.

Quanto à arquitetura, o acabamento da parte interna e a preocupação com a disposição das janelas para que, até hoje, possa entrar mais luz solar nas dependências do colégio, são detalhes que fazem a diferença. Os jardins, que emolduram esta obra são muito bem cuidados, e o que mais destaca o colégio, além dos seus cursos regulares é a formação musical, possuindo inclusive um Conservatório.

3.3.5. Escola Estadual Cardoso de Almeida, a EECA (5º ponto)

Com o seu grupo escolar funcionando, o Cardosinho, a cidade passou a querer mais. A população passou a sonhar com uma escola complementar de ensino, ou seja, uma escola pública de segundo grau, que daria continuidade aos estudos daqueles que já estavam se formando. Não havia nenhuma escola desse tipo numa vasta região.

Por meio de pressões populares aliadas a alguns contatos políticos, o primeiro passo foi dado e, autoridades fizeram com que esse pedido fosse colocado junto ao orçamento de 1911. Mas incrivelmente as autoridades estaduais decretaram a transformação das escolas complementares, em criação, em escolas normais primárias, que se destinavam a formação de professores. Logo, vieram professores de vários outros grupos escolares, de outras cidades como Araras, Sorocaba e Guaratinguetá, para lecionar as mais diversas matérias para os novos professores que aqui iniciavam seus estudos.

O único problema é que o prédio em que a escola passou a funcionar, não era o que conhecemos hoje. Era um local cedido pelo bispado. Com a ajuda do senador Rubião Junior, o governo liberou dinheiro para a construção da escola, que só seria inaugurada cinco anos depois. O busto do fundador pode ser visto dentro e fora da escola, bem como podemos conhecer os seus belos porões e os vitrais de suas escadarias, que na época, segregavam as meninas dos meninos. No hall de entrada encontramos pinturas feitas a óleo, colocadas lá, no dia da sua inauguração. Podemos observar que o prédio traz fortes traços da arquitetura neoclássica.

3.3.6. Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida, o Cardosinho (6º ponto)

O Cardosinho foi o primeiro grupo escolar da nossa cidade e um dos primeiros de todo o estado de São Paulo. Foi fundado em 1895, mas funcionava em casas alugadas, pois a princípio, não havia um local onde ele pudesse ser alojado. Seu prédio foi construído somente um ano depois, em um estilo neogótico romântico, muito moderno para a sua época, representando uma arquitetura inovadora, mesmo em termos internacionais.

Foi uma construção monumental, e a flor de lis, feita de cimento, no telhado lateral, nos revela a marca do autor desta verdadeira obra de arte, o arquiteto francês, formado na

Argentina, Victor Dubugras. Só dois meses após a inauguração do prédio, é que ele recebeu o nome de “Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida”.

3.3.7. Prefeitura Municipal de Botucatu (7º ponto)

Em 1940, foi construída para ser a sede da Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos, e para isso, ocupou um pedaço da tradicional Praça XV de Novembro, mas depois que a sede da regional foi transferida para Bauru, o prédio passou a abrigar a Prefeitura Municipal, na década de 70.

Único prédio público construído em estilo "art déco", localizado no Centro Histórico Novo. Seu revestimento foi feito em argamassa que dispensava pintura. Apresenta grandes janelas, ricas em detalhes e, uma escadaria interna, em mármore, que dá o charme ao hall de entrada do prédio. Se nas janelas é possível notar os traços do modernismo, na forma de conter a insolação, nas portas observam-se ainda, os traços tirados da natureza.

3.3.8. Catedral Metropolitana de Sant'Anna (8º ponto)

Quando nos colocamos em frente a uma das torres da Catedral, logo percebemos que estamos ao lado de uma obra grandiosa. Ela foi aberta para celebrações em 1943, mas ainda não estava totalmente construída. Por fora não existiam reboco, nem as suas duas torres características. Entre a pedra fundamental, colocada por Júlio Prestes e pelo bispo Dom Carlos Duarte Costa, e a entrega inacabada, foram aproximadamente 20 anos.

Possui um estilo neogótico, embora receba inúmeras outras influências. A imagem de Sant'Anna, está iluminada em um lugar bem alto, atrás do altar. Essa imagem é escurecida, lembrando as tendências barrocas, assim como os anjos cor de ouro que enfeitam os pilares que sustentam a igreja.

As doze virgens e madonas estão totalmente adaptadas ao ambiente brasileiro. A Virgem do Maracujá e a Madona da Floresta são alguns exemplos. Elas estão retratadas nos vitrais laterais, encomendados pelo arcebispo Dom Zioni. Passagens bíblicas também

aparecem representadas. A igreja conta também com um órgão de madeira e uma linda rosácea, típica de catedrais.

Diante de tantos detalhes que nos contam fatos, pode se dizer que Sant'Anna faz lembrar-nos um passado de glórias, reviver nossas origens de vila e cidade e assim, concluirmos que a Catedral esta intimamente ligada a história de Botucatu.

3.3.9. Praça Rubião Júnior (9º Ponto)

A Praça Rubião Júnior foi inaugurada em 1916. Esta foi construída para dar continuidade ao jardim da Praça XV de Novembro, com o intuito de oferecer mais um local de tranqüilidade, em meio ao caos da cidade urbanizada. Ela deve seu nome ao Senador Rubião Júnior, ativo participante no processo de reivindicação de uma escola complementar pública, e seus lindos jardins a João Dierberger, que já havia feito os jardins do Parque da Independência e do Ipiranga, em São Paulo.

Com a abertura dos cursos da Escola Normal a praça tornou-se o ponto de encontro dos estudantes, mesmo assim, foi sucessivamente recortada para dar espaço para a construção de prédios, como o caso dos Correios, atual Prefeitura Municipal.

Evoca claramente cenários românticos, ligados à natureza. A água, que preenchia os lagos, denota a influência italiana. Em seu projeto original, o lago inferior possuía duas sereias que jorravam água pela boca, e por muitos e muitos anos, a ponte dos amores, nos lagos superiores, foi palco para as fotos de muitos noivos.

Em toda sua área podemos encontrar espécies de todos os continentes do mundo, como figueiras, ipê-roxo, flamboyant, magnólias-brancas, jambolão, mandacaru, hibisco, bico-de-papagaio, entre tantas outras.

3.4. Outros pontos

Em decorrência do tempo que dispomos com os grupos, alguns pontos abordados na trilha, não são vistos pessoalmente pelos visitantes, embora eles sejam também abordados. São eles:

3.4.1. Fórum – Cadeia de Botucatu

Segundo Donato (1985), a princípio, os botucatuenses eram dependentes da cidade de Itapetininga na área judicial. Por muito tempo foram feitas tentativas para cortar esses laços de dependência, e ao final de muitos anos, a conquista foi alcançada.

Era costume da época, no estado de São Paulo, construir um mesmo edifício para servir tanto ao Fórum, quanto à Cadeia. A construção, no mesmo padrão do Tribunal de Justiça de São Paulo em estilo neoclássico, começou em 1918, e quatro anos depois só faltavam alguns acabamentos, terminando de ser construído em 1925. Ele foi erguido no terreno que fora um cemitério, até 1893.

Seu nome faz uma homenagem ao primeiro advogado nascido em Botucatu, e de grande sucesso, o Desembargador Alcides Ferrari, e apesar de fechado, é bom lembrar que dentro de sua área, existiam delicados jardins internos que combinavam perfeitamente com seus vitrais e sua escadaria em granito. Mais importante do que pensar no que ele irá sediar no futuro, é prezarmos sempre pela conscientização da importância de preservá-lo.

3.4.2. Santa Casa de Misericórdia

Dr. Costa Leite foi um médico atento às necessidades de se construir um hospital, e foi quem incentivou a sua criação. Essa idéia foi apoiada por diversos munícipes, que fizeram doações para a obra. A inauguração, em 1901, teve grande repercussão, afinal, além de ser o primeiro hospital de caridade do sudoeste paulista, foi equipado conforme os mais modernos padrões europeus, graças ao doutor, que havia viajado para Paris, no decorrer da obra, para se atualizar. Ele se dedicou inteiramente ao hospital, tanto que, a rua em que o hospital se encontra, recebe o seu nome. A Misericórdia passou a ser sua casa e foi ali que faleceu aos 93 anos de idade.

3.4.3. Casa das Meninas Amando de Barros

Conhecida antigamente como Orfanato Amando de Barros, a Casa das Meninas foi construída em uma área que pertencia ao bispado. Isso se deu com total apoio de Dom Carlos, nosso segundo bispo e, também, com a verba cedida, em testamento, pelo botucatuense

Amando de Barros.

O local, sempre teve como filosofia cuidar da infância, acolhendo, tratando e educando as meninas desamparadas da cidade. No início, o prédio tinha três pavimentos, depois se acrescentou mais um. Alguns incêndios aconteceram, mas depois de reformas, ele sempre voltou a funcionar, acentuando que o sentido de seu trabalho sempre foi muito nobre.

3.4.4. Caridade Portuguesa Maria Pia

Batizada com esse nome, em homenagem a rainha Maria I, a Caridade Portuguesa foi fundada, em 1901, pelos grupos de portugueses que aqui passaram a viver. Ela servia como um auxílio para eles, pois tratava de encontrar empregos e até alimentar os que, por algum motivo, não pudessem trabalhar. Médico e farmácia aos necessitados e auxílio ao funeral também eram pregados. Tudo isso era voltado para os portugueses, mas nada impedia que outras nacionalidades se associassem, embora não tivessem direito a voto nas decisões administrativas.

Em estilo neoclássico, podemos perceber logo de cara que o arquiteto explorou a monumentalidade, trabalhando com ornamentações mais pesadas, não economizando em seus adereços. Suas colunas clássicas, no estilo greco-romano, são os detalhes que mais chamam a atenção. Apenas a fachada do que deveria ser um hospital para atender a colônia portuguesa de Botucatu foi construída. A construção parou, pois os dirigentes da comunidade resolveram auxiliar a construção da Santa Casa de Misericórdia se juntando as demais colônias da cidade.

A Escola de Farmácia e Odontologia foi a primeira escola de nível superior de Botucatu. Foi fundada em 1929, mas passou a funcionar no prédio da Caridade em 1930. O curso não permaneceu e anos depois, o prédio foi sede da câmara de vereadores da cidade. Atualmente é sede do Vice Consulado de Portugal no Brasil.

Ao final desse processo, os visitantes vão ao banheiro para lavar as mãos. O momento do lanche é de caráter contemplativo. Sentam-se nos bancos da Praça Rubião Júnior, onde podem, com tranquilidade, observar as diversas espécies de árvores e plantas ali presentes.

Um questionário específico é entregue ao professor, que o responde da maneira que desejar. São perguntas diretas que tratam de assuntos relacionados à qualidade da vivência, tais como, avaliação sobre o tamanho da trilha, sua duração, a organização geral, a relevância dos conteúdos abordados, o atendimento dos educadores ambientais e o interesse dos alunos. Também são questionados se o conteúdo abordado corresponde ao que é aprendido em sala de aula, sobre os pontos que deveriam receber melhor enfoque, se o professor gostaria de realizar novas visitas e entre outros. Muitas delas possuem um espaço para que se justifique a resposta fornecida. Sugestões e críticas entram ao final. O modelo de questionário aplicado pode ser visualizado com o nome de Anexo 1.

O trabalho é finalizado com os alunos entrando no ônibus do transporte escolar e voltando para a sua escola.

A avaliação, segundo Belomi (2000), é um instrumento fundamental para se conhecer, compreender, aperfeiçoar e orientar as ações dos indivíduos ou grupos. É um processo sistemático de análise de uma atividade que permite conhecimento dos fatores positivos, que aponta equívocos e insuficiências com a finalidade de buscar aperfeiçoamento ou reformulação.

De acordo com Tabanez *et al.* (1997), a aplicação de uma avaliação criteriosa da eficácia de trilhas torna-se de grande importância para que possam ser utilizadas adequadamente. Essas autoras indicam que a avaliação de abordagens adotadas em programas de Educação Ambiental pode trazer contribuições significativas ao processo, na medida em que identifica aspectos eficazes e ineficazes, otimizando os esforços, tempo e recursos despendidos.

4.1. Avaliação dos questionários

Através dos métodos de avaliação, utilizados nesses três anos, anotações sobre as observações feitas em trilhas e questionários respondidos pelos professores, pudemos constatar que os alunos sabem muito pouco sobre a cidade e que possuem dificuldade de relacionar fatos históricos com a sua própria existência e com as mudanças que promovem no meio. Observou-se que além de tratar com descaso os prédios históricos, os alunos não conseguem citar dados sobre a fauna e a flora local. O mais preocupante é o fato de que para eles, a cidade não representa o meio ambiente. Isso pode ser observado na fala dos professores igualmente. Essas anotações foram selecionadas, dentre várias outras observadas. Os nomes são fictícios.

“Considero o assunto difícil para a série, sendo que até o momento não havia trabalhado a maioria desses conteúdos”.
(Maria – Professora)

“No primeiro ano, os conteúdos são apenas eu, a família, etc...” (Sandra – Coordenadora)

“Os aspectos históricos, etc, são abstratos demais para essa faixa etária, eles não se interessam pelo “passado”. Os alunos não correspondem” (Sandra – Coordenadora)

“Eu gostaria de levar os alunos em uma trilha na EMA, eu acho que eles gostariam e se interessariam mais”. (Juliana – Professora)

“O passado está de bom tamanho, mas temos que trabalhar o presente para termos futuro!” (Lúcia – Professora)

Em todas as falas, podemos constatar que os educadores subestimam seus alunos, ao achar que eles não podem aprender muito mais do que já lhes é colocado em um cronograma escolar anual. Já dizia o filósofo grego, Sócrates, que o conhecimento está dentro do aluno, basta o professor fazer com que ele possa emergir.

A escola não pode funcionar como se fosse uma instituição isolada da sociedade, onde os professores não sabem valorizar, bem como identificar, os conhecimentos prévios que os alunos possuem. Quando este chega à escola, esquece tudo o que sabe para entrar na cultura livresca, se desvinculando de sua vida sócio-cultural e emocional. Observa-se que muitos professores pensam que aprender é decorar, não ajudam o aluno a raciocinar e fazer relações do que acontece no mundo com o que é lecionado. Para Paulo Freire (1997), o professor deveria ser um facilitador, mediador entre o saber o aluno. Dentro desta postura, poderíamos dizer que o professor a princípio é um animador (aquele que dá ânimo), deve “descer” ao nível dos alunos, adaptando-se às suas características e ao desenvolvimento próprio de cada grupo. O relacionamento professor-aluno deve ser horizontal, onde o educador e educando se posicionam como sujeitos do ato de conhecimento.

Com esse resultado apurado, logo, ficou clara a necessidade de se produzir um material de apoio que tivesse por objetivo preencher estas lacunas.

Embora algumas falas apresentadas tivessem nos fornecido justificativas suficientemente claras para essa produção, pudemos constatar que, como em qualquer situação, existem as exceções. Seleccionamos duas frases (com nomes fictícios) para contrapor a visão restrita anteriormente apresentada:

“Passamos pelo assunto na escola, mas é bem diferente. Quando o assunto é tratado junto com as monitoras, e visitando os lugares, o aprendizado é mais eficaz e divertido”. (Joana – Professora)

“A história de Botucatu é muito bem contada, com uma linguagem bem acessível aos alunos”. (Luciana – Professora)

5.1. Exemplos de trabalhos apresentados e bem sucedidos

Por meio de um concurso, promovido pela Escola do Meio Ambiente, muitos foram os trabalhos enviados por professores da rede de ensino de Botucatu. Alguns deles foram selecionados, pela sua qualidade e premiados. Estes deveriam relatar as atividades propostas por eles, para dar continuidade à vivência realizada na Trilha Interpretativa.

Na categoria “Patrimônio Histórico”, dois deles foram premiados. Foram eles:

5.1.1. Botucatu, Além da História, Sentir...

A professora Ana Paula dos Santos Winckler, da E.M.E.F “Profª Nair Amaral”, trabalhou o tema em questão com a sala de 1º ano em que leciona, durante o período da manhã. Segundo ela, ouvir um relato ao vivo na Trilha do Patrimônio Histórico, faz com que os alunos verifiquem que ela é contada por alguém real, e que várias pessoas participam da construção da história da sua cidade. Eles não encontram isso nos livros didáticos, que são escritos de forma impessoal.

O desenvolvimento do trabalho contou com uma preparação anterior, onde foram questionados os seus conhecimentos prévios. Os alunos se expressaram oralmente e por meio de ilustrações, feitas em papel e giz de cera.

Após a trilha, eles fizeram uma linha do tempo, organizando as informações obtidas na trilha. Os alunos buscaram imagens em revistas e livros, e fizeram as colagens.



Fig. 4 – Alunos do 1º ano da E.M.E.F “Professora Nair Amaral”, expondo a linha do tempo, por eles confeccionada.



Fig. 5 – Aluno lendo “O Peabiru Encantado”, da escritora Adriana Vigliuzzi, recomendado pela professora.

No primeiro dia, os alunos montaram uma exposição com artesanatos, vestuários, utensílios e comidas que eram feitas pelos índios. Fizeram uma receita de bolo de mandioca, para aguçar o paladar.

No segundo dia, eles mostraram os costumes dos tropeiros. A professora levou para a sala um violeiro do bairro, mostrando a eles a importância da audição, e incentivando o tato, ao expor peças de texturas diferentes, como roupas e acessórios característicos dos tropeiros.



Fig. 6 – Segundo dia da feira expositiva. Dia dos Tropeiros.

Ao terceiro e último dia, eles apresentaram as contribuições dos imigrantes na construção da cidade. Para explorar a visão, montaram uma exposição de fotos de Botucatu do ano de 1900 a 2008. O paladar e o olfato foram instigados pela macarronada e pelas pizzas feitas e saboreadas por eles.



Fig. 7 - Terceiro dia de feira expositiva. Visitantes observam a sala repleta de imagens que retratam o processo de imigração.

Como resultado das vivências construídas com os alunos e com a comunidade, a professora relata em seu trabalho:

“Como resultado, acredito que os alunos conseguiram sentir e aprender a importância da história de nossa cidade e a preservar nosso meio ambiente em que estamos inseridos, seja em qualquer lugar que estivermos. Percebi que o aluno, ao situar-se no espaço, sentiu-se como parte integrante daquilo que estava estudando. O que é realidade concreta, e não coisas abstratas, e que todas as mudanças que ocorrem foram resultado da intervenção humana e que somos responsáveis por nossas ações. Com esse projeto, puderam conhecer um pouco da cidade onde moram: a história, os lugares, a cultura, os costumes, e assim, ter consciência que podemos construir um futuro melhor, com responsabilidade”.

5.1.2. Patrimônio Nosso

As professoras, Cecília Peniche dos Santos, Elizabete Cristina Teófilo Brandão e Rosemara Celeste S. Ribeiro Cassimiro, da E.M.E.F “Antenor Serra”, trabalharam o tema em questão com as salas de 1º ano em que lecionam, também durante o período da manhã.

Elas relatam que fizeram uso do conteúdo da Trilha do Patrimônio Histórico como referência de estudos e citações utilizadas em suas aulas, bem como, fizeram outras visitas monitoradas pelo próprio bairro, em visita aos ipês-amarelos do SENAI e ao Museu do Café, na Fazenda Lageado – Botucatu/SP.

O desenvolvimento do trabalho contou com uma preparação prévia à visita monitorada. Contou com uma leitura de fotos, a confecção de mosaicos com papel de revista, a leitura do texto “O Peabiru Encantado”, de Adriana Vigliuzzi, e a confecção de uma cruzadinha gigante do nosso patrimônio.



Fig. 8 – As três turmas reunidas em volta de um florido ipê-amarelo, em frente ao SENAI, Botucatu/SP.

Além disso, os alunos confeccionaram um texto coletivo feito para os colegas das outras turmas que fariam a mesma visita. Em formato de carta, escreveu o 1º ano A:

“Botucatu, 08 de abril de 2008.

Querida professora,

Estamos mandando esta carta para as crianças da sua sala contando sobre a visita que fizemos na Trilha do Patrimônio Histórico.

Dia 26 de março, o ônibus veio buscar a gente para levar-nos a Secretaria de Educação. Lá a Thaís e a Ana Paula nos receberam no pátio, pediram para sentarmos em roda e deram-nos um crachá. Contaram a história das pessoas que moraram em Botucatu. Tiraram de dentro do baú a bandeira de Botucatu, um cata-vento, um cocar de índio, um chapéu de tropeiro, um colar de ouro, um trem e um sino de lata com pregos. Depois da história, fomos à igreja Catedral e demos a volta no quarteirão, vimos as escolas, o lugar onde as meninas se formavam freiras e os meninos se formavam padre.

Terminada a visita, o ônibus parou em frente à igreja e viemos embora.

Um abraço dos alunos do 1º ano A.”



Fig. 9 – Foto da visita dos alunos do 1º ano A, da E.M.E.F “Antenor Serra”, na Trilha do Patrimônio Histórico.



Fig.10 – Professora Rosemara com seus alunos, participando do momento em que a história é contada através do baú.



Fig. 11 – Alunos observando as obras sacras dentro da Catedral Metropolitana de Sant’Anna.

Em resposta a carta, os alunos do 1º ano B escreveram:

“Botucatu, 15 de abril de 2008.

Querida professora Rosemara,

No nosso passeio, nós vimos uma árvore grande, a escola onde os meninos estudavam para ser padre e as meninas para serem freira. Gostamos muito da Catedral, da madona e da virgem. Na praça, os bancos estavam muito sujos.

Quando chegamos lá, formamos uma roda e a Thaís tirava do baú: a toca do saci, a bandeira de Botucatu, o chapéu do tropeiro, o cocar do índio e duas faixas que representavam os italianos. Gostamos muito do passeio e esperamos que vocês também tenham gostado.

Um abraço a todos vocês,

1º ano B”

Também em forma de carta, o 1º ano C, completou a vivência:

“Botucatu, 15 de abril de 2008

Querida professora Rosemara e alunos do 1º ano A,

Assim como vocês, nós também fizemos a visita na Trilha do Patrimônio Histórico. Foi muito legal!

Quando chegamos lá, a Thaís e a Ana Paula receberam a gente, depois sentamos em roda, e começou a apresentação. A Thaís tirou de dentro do baú um gorro do Saci e colocou na cabeça da Karen, depois o cocar, colocou na cabeça da professora e foi tirando mais coisas e contando a história de Botucatu. Fomos também à Igreja Catedral, e lá vimos o presente que o Papa deu para Botucatu.

A visita acabou logo, não deu para tomar o nosso lanche lá, porque achamos que o ônibus chegaria, mas ele não veio logo. Assim que ele chegou, viemos embora. Gostamos muito da visita!

Um abraço para vocês,

Alunos do 1º ano C.”

Como resultados relatados por elas, em seu trabalho:

“Conseguimos, através do envolvimento e participação dos alunos, fazê-los perceber que estão cercados de riquezas patrimoniais encontradas em todos os lugares da cidade, desde nossa casa, bairro, até outros ambientes mais distantes. Temos certeza de que este trabalho resultou em uma semente plantada no sentido da preservação do ambiente em que estão inseridos.”

Visto a necessidade clara de se produzir um material simples, que decodificasse as complexas informações encontradas em diversos trabalhos, que atendesse as expectativas dos docentes, para que estes possam conhecer e transmitir com clareza para os alunos a importância de se entender o processo histórico da cidade em que vivem, para que assim possam compreender a sua própria história, foi realizado.

Foram impressos mil exemplares da primeira edição da cartilha, que conta com vinte e quatro páginas, impressa em folhas de papel reciclado, que aborda toda a história da cidade, na visão de quem executa a trilha. Ela traz fotos e ilustrações que auxiliam a visualização do local para um bom entendimento do que se está tratando. Muitas curiosidades interessantes ajudam na narrativa.

Todos os exemplares serão distribuídos logo no primeiro semestre de 2009 para todos os professores que fizerem a Trilha do Patrimônio Histórico, para as escolas da rede de ensino de Botucatu e para as bibliotecas públicas.

Uma avaliação da eficácia desta cartilha será feita ainda em 2009, por meio de questionários específicos, respondidos pelos docentes e por meio de observações dos educadores ambientais, frente à postura, atenção e interesse dos alunos e do professor.

O desenvolvimento desta cartilha me permitiu enriquecer a minha formação acadêmica, e entre tantas outras coisas, me faz acreditar que a partir deste material, o leitor passará a olhar muito além do que se vê. Passará de um mero expectador das situações cotidianas da vida, para um agente atuante e comprometido com o conhecimento que leve à preservação do seu meio ambiente.

Referências Bibliográficas

ALVES, R. **Tecnologia e humanização**. In: Revista Paz e Terra, n. 08. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BELOMI, I. *et al.* **Metodologia de avaliação em políticas públicas**: uma experiência em educação profissional. São Paulo: Cortez, 2000. 96 p. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 75).

BOLLMANN, H. **Meio Ambiente**: revisão bibliográfica. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2003, Notas prévias de aula.

BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia **Livro Branco**: ciência, tecnologia e inovação. Brasília, 2002, 80 p.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil**: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo / Moacir Alves Carneiro. 14. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2007. 231p.

CORRÊA, A. M. **Iniciação à interpretação ambiental**. Módulo 1, 2004, Rio de Janeiro. Apostilas. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.pdf4free.com>>. Acesso em: 15 set. 2005.

DONATO, Hernani. **Achegas para a história de Botucatu**. 3ª edição reescrita. Botucatu/SP: Banco Sudameris Brasil: Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985. 366p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 4a ed. Rio de Janeiro: Pais e Terra, 1997.

LORENZI, Harri, 1949 – **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil / Harri Lorenzi. – Nova Odessa, SP: Editora Plantarum, 1992.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994. Coleção primeiros passos; 292.

TABANEZ, M. F. *et al.* Avaliação de trilhas interpretativas para educação ambiental. In: PÁDUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (Org.). **Educação ambiental: caminhos trilhados para o Brasil**. Brasília, DF: PAX, 1997. cap. 6, p. 89-102.

Trilhando os Caminhos da Educação Ambiental. Cartilha: Escola do Meio Ambiente (EMA) – Botucatu - SP. Copygráfica: 24 p.

VASCONCELLOS, J. **Trilhas Interpretativas: Aliando Educação e Recreação**. In: UNIVERSIDADE LIVRE DO MEIO AMBIENTE (Org). *Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação*. Anais: Conferências, Palestras, Resumos, Relatórios, Workshops e Moções Aprovadas. Paraná: IAP, p 465-477, 1997.

<http://www.botucatu.sp.gov.br/downloads>. Acesso: 20/11/2008.

Anexo 1. Questionário para professores (as)

Trilha do Patrimônio Histórico – 1º Ano

Monitores: _____

Professor: _____

Escola: _____ Série: _____ Número de alunos: _____

De acordo com a trilha realizada e o assunto que a envolve, responda:

Trilha	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	Excelente
Tamanho						
Duração						
Organização						
Conteúdo						
Monitores						
Interesse dos alunos						

- O conteúdo abordado na trilha está de acordo com o que é tratado na escola?

Sim ☐

Não ☐

Justifique: _____

- Na sua opinião qual(ais) dos pontos abordados na trilha deveriam receber melhor enfoque? Assinale a sua opção com um **X**:

- () Aspectos históricos de Botucatu (ciclo do ouro, ferrovia, ciclo do café)
- () Colonização de Botucatu (índios, jesuítas, tropeiros, imigrantes)
- () Bandeira, Brasão de Botucatu e personalidades da cidade
- () Arquitetura do Centro Novo de Botucatu
- () Crescimento urbano e leis de trânsito
- () Áreas verdes e qualidade de vida
- () Poluição nas cidades e preservação ambiental

Justifique: _____

- Gostaria de fazer novas visitas:

Sim	
-----	--

Não	
-----	--

- Pontuação para trilha (de 0 a 10 pontos): _____

- Sugestões para melhorar o atendimento na trilha: _____

Apêndice 1. Cartilha “Passado que vira Presente”